

# A MOBILIZAÇÃO DA COMPETÊNCIA INTERPRETATIVA NA ATUAÇÃO DE CONFERÊNCIAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO MODELO DO PACTE

## *THE INTERPRETIVE COMPETENCE MOBILIZATION ON CONFERENCE ACTING: A REFLECTION BASED ON THE PACTE'S MODEL*



Tiago Coimbra NOGUEIRA<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** O presente artigo abordará uma reflexão sobre o modelo de competência tradutória do grupo PACTE (2003), relacionando as subcompetências com a prática de interpretação. Mais especificamente, com a interpretação de conferências na atuação de intérpretes de Libras-Português, atuando em equipe e em cabine. Busca-se problematizar e apresentar uma reflexão sobre a aplicabilidade das subcompetências do referido modelo à atividade de interpretação na mobilização de uma *competência interpretativa*. No campo dos Estudos da Tradução, há uma diferenciação que define processos de tradução e interpretação. A prática da interpretação está ligada ao ato de o profissional intérprete estar envolvido no diálogo, suas palavras são dirigidas a um destinatário direto e busca-se provocar uma reação em uma velocidade muito maior do que a da tradução. A partir de Camargo (2014), olhamos para o processo de interpretação realizada pela equipe de intérpretes do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, formada por seis membros, que foram observados e entrevistados. Propomos essa reflexão sobre onde e em quais momentos as subcompetências são mobilizadas pela equipe de intérpretes. De modo geral, todas as cinco subcompetências descritas pelo PACTE são ativadas durante a prática de interpretação, porém, há refinamentos e momentos distintos. A partir dos resultados, espera-se contribuir com reflexões a respeito das competências necessárias para a atividade de interpretação. Palavras-chave: Interpretação de conferência. Competência interpretativa. Interpretação para línguas de sinais. Interpretação em cabine.

189

**Abstract:** *This paper presents a reflection about PACTE's (2003) model of translation competence, relating it to the sub-competences along with interpreting practice. Specifically, the conference interpreting on Brazilian Sign Language-Portuguese interpreter's performance, acting in teams and in booths. It aims to rise questions and to present a reflection about this model's sub-competences applicability on the interpreting activity to mobilize an interpretive competence. In the Translation Studies field there is a distinction that defines translation and interpretation processes. The practice of interpreting is related to the fact that the professional interpreter is involved in the discussion; their words are destined to a direct recipient and aims to cause a faster reaction than in the translation practice. Following Camargo (2014), we looked to the interpreting process made by National Congress of Research in Translation and Interpreting of Brazilian Sign Language and Portuguese Language interpreters, formed by six members who were interviewed and observed. We propose this reflection on where and which moments the sub-competences are mobilized by the interpreters team. In general, all five sub-competences described by PACTE are activated during the interpreting practice. However, there are improvements and different moments. Based on the results, we hope to contribute with these reflections about the necessary competences needed for the interpreting activity.*

**Keywords:** *Conference Interpreting. Interpretive competence. Sign Language Interpretation. Interpreting in booths.*

## 1 Introdução

É notório que nos últimos anos presenciamos um avanço significativo em relação aos estudos que permeiam a tradução e a interpretação interlíngua no par linguístico Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) - Português. Fatores legais tiveram um papel de influenciar essa realidade no Brasil, entre os quais especialmente destacamos a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras enquanto língua e meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, bem como o Decreto Regulamentador nº 5.626/2005.

190

As regulamentações contam com diretrizes que impulsionaram as investigações sobre a atuação de tradutores e intérpretes de Libras-Português em diferentes contextos. Conforme Santos (2013), temas centrais se destacam: o papel do intérprete no ambiente educacional, a formação de intérpretes de língua de sinais, questões que abordam a fidelidade e a visibilidade do intérprete, questões de identidade e discursos, o intérprete e a educação de surdos e outros aspectos. Diante disso, percebemos as diversas realidades vivenciadas pelos intérpretes de Libras-Português que merecem ser consideradas e investigadas.

O presente artigo abordará o contexto de conferência, observando o modelo de competência tradutória do PACTE, “Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação” (2003). Nosso objetivo é verificar se em processos de interpretação se mobilizam as mesmas subcompetências descritas para processos de tradução, e, também, se essas subcompetências atuam de forma análoga em ambos os processos.

Rodrigues (2018b, p. 288) afirma que no contexto latino-americano são escassas as propostas de modelagem da competência tradutória, bem como olhares e reflexões sobre a relação ou aplicabilidade dos modelos que circulam atualmente. Ainda mais, conforme o autor, “os reconhecidos modelos de competência tradutória não fazem referência direta à tradução e/ou à interpretação envolvendo línguas de sinais” (RODRIGUES, 2018b, p. 288). Rodrigues propõe uma reflexão sobre como a questão da diferença de modalidade poderia trazer implicações a esses modelos ao fazer uma revisão de alguns dos modelos de competência tradutória existentes. No nosso caso, o olhar é apenas para um dos modelos, como já mencionamos acima, o de competência tradutória do grupo PACTE.

Importante destacar que estamos falando sobre o conceito de interpretação, diferenciando-o assim do conceito de tradução. Leite (2004, p. 44) afirma que “historicamente, a tradução e a interpretação têm sido tratadas como atividades correspondentes”, mas no campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação é possível e, em alguns momentos, necessário diferenciá-las.

Rodrigues (2018a) apresenta um quadro comparativo que resume essas diferenças no funcionamento entre os processos de tradução e interpretação. Abaixo apresentamos o quadro comparativo do autor traduzido (Quadro 1).

Quadro 1 – Diferenças operacionais e cognitivas entre tradução e interpretação

	Tradução	Interpretação
Competências linguísticas e habilidades	Prioridade das habilidades necessárias para lidar com a modalidade escrita: leitura e escrita	Prioridade das habilidades necessárias para lidar com a modalidade oral: ouvir e falar
Ritmo de trabalho	O profissional define o seu ritmo de acordo com pressão do tempo.	O autor do discurso impõe o ritmo; o profissional ajusta-se a ele.
Apresentação do texto original	O texto está disponível em um suporte (físico ou virtual), pode ser relido e o profissional pode revê-lo como necessário.	O texto está em fluxo constante e, na maioria dos casos, não pode ser visto novamente ou repetido, mesmo que o profissional precise disso.
Método de trabalho	O trabalho pode ser pausado ou organizado em etapas.	É quase impossível interromper, adiar ou fragmentar o trabalho.
Apoio externo (materiais e outros recursos)	O apoio externo pode ser buscado em glossários, dicionários, colegas e outras traduções.	Há pouco ou nenhum apoio externo, basicamente recorre-se à memória ou, imediatamente, ao colega de trabalho, embora tenham limitações
Possibilidade de correção antes da entrega do texto alvo	O texto pode ser completamente revisado, se forem necessários ajustes e alterações.	Nenhuma alteração pode ser feita sem ser vista pelo público.
Aspectos situacionais da atividade	Contexto limitado, focado no espaço de trabalho do tradutor.	Múltiplos contextos, de intrasocial até internacional.
Uso da tecnologia	Indispensáveis, ferramentas de escrita são essenciais.	Dispensável, pode ocorrer com nada mais do que o próprio corpo.
O contato com o cliente / público	Indireto, mínimo ou inexistente, muitas vezes com um grande intervalo de tempo entre o processo de tradução e a entrega do produto final.	Direto, significativo e efetivo, muitas vezes com o público presente no momento da interpretação.

Fonte: Rodrigues (2018a, p. 303-304), tradução nossa.<sup>1</sup>

Diante do exposto, em consonância também com outros autores como Seleskovitch (2001) e Pagura (2003, 2010), a diferença principal entre a interpretação e a tradução tem relação com o meio e o canal utilizados. Assim, a tradução estaria relacionada à conversão de um texto escrito na língua de partida para outro texto escrito na língua de chegada, e na interpretação a mensagem produzida de forma oral na língua de partida é convertida em outra mensagem oral na língua de chegada (SELESKOVITCH, 2001).

Ainda, conforme Seleskovitch (2001) na tradução, o texto escrito se tornaria estático e permanente durante o tempo. A tradução se tornaria limitada e restrita como o texto original, enquanto na interpretação, teríamos uma situação diferente. O intérprete está envolvido no diálogo, interpretando a mensagem entre o orador e o receptor. Suas palavras são dirigidas a um destinatário direto e ele busca provocar uma reação em uma velocidade muito maior do que o tradutor.

Nesse sentido, propomos aqui uma reflexão a partir do modelo de competência tradutória apresentado pelo PACTE. Alguns questionamentos guiaram nosso pensamento: Esse modelo traz elementos que se relacionam aos processos de interpretação, ou seja, existiria relação das subcompetências do referido modelo na atividade de interpretação? E, mais especificamente, na interpretação de uma língua de sinais? As subcompetências operariam de forma semelhante ou precisariam de refinamento conceitual? Evidentemente, compreendemos que o PACTE chegou a seu modelo a partir de pesquisas empírico- experimentais, e nossa aproximação nesse momento é somente reflexiva, sem intenções de alterações no modelo. Esta pesquisa segue os procedimentos metodológicos da abordagem qualitativa, tratando-se de um estudo exploratório-descritivo.

Para tanto, esse artigo está estruturado da seguinte maneira: uma explicitação do conceito de competência e apresentação do quadro de competência tradutória do PACTE, uma descrição dos caminhos metodológicos e uma reflexão a partir do contexto observado sobre o modelo do PACTE para uma competência interpretativa.

## **2. O conceito de competência tradutória**

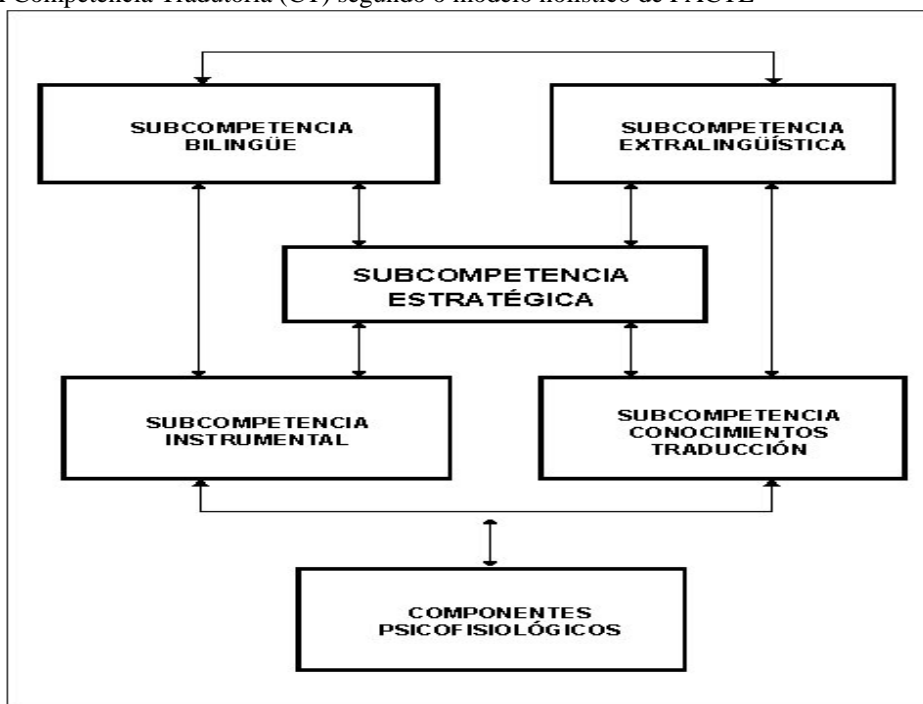
Roegiers (2000, p.66, apud SCALLON, p. 143) diz que “a competência é a possibilidade para um indivíduo, de mobilizar de maneira interiorizada um conjunto integrado de recursos em vista a resolver uma família de situações-problema”. Por conseguinte, aplicando esse conceito à realidade dos tradutores e intérpretes, podemos compreender que esses profissionais em atuação devem mobilizar recursos internos e/ou externos para a realização da atividade tradutória ou interpretativa (NOGUEIRA, 2016 p. 47).

Vários modelos e propostas sobre o funcionamento da competência tradutória – doravante CT – já foram desenvolvidos. No entanto, no escopo deste trabalho, a fim de fundamentar nossa discussão, com já informado, nos interessa o modelo de competência tradutória proposto pelo grupo PACTE (2003).

O modelo do PACTE (2003) considera várias subcompetências que operam de forma global para a produção de um conhecimento especializado. O grupo PACTE é constituído por professores de tradução que também são tradutores e a preocupação principal do grupo é com a aquisição da competência tradutória, trabalhando com processos da tradução escrita.

No esquema abaixo é possível observar o modelo desenvolvido pelo grupo:

Figura 1 – A Competência Tradutória (CT) segundo o modelo holístico de PACTE



Fonte: Hurtado Albir (2011, p. 397).

A figura nº 1 apresenta cinco subcompetências descritas pelo PACTE, são elas: (1) a bilíngue, (2) a instrumental, (3) os conhecimentos sobre tradução, (4) a extralingüística e (5) a competência estratégica. Além dessas subcompetências, temos os componentes psicofisiológicos. O grupo PACTE considera a CT um conhecimento especializado, um conhecimento basicamente procedimental-operativo, necessário para saber traduzir.

O que destacamos é que nem todos os bilíngues possuem a CT, pois de acordo com Hurtado Albir (2005, p. 19), “a competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores”. Vale destacar que as subcompetências descritas pelo PACTE trabalham de maneira integrada para assim formar a CT, uma interagindo

com a outra. Além do mais, em uma determinada situação, em função da especialidade da tradução, uma subcompetência pode ter maior relevância do que a outra.

Assim, ao observar o modelo desenvolvido pelo grupo, reflito sobre a possibilidade de relacionar as mesmas subcompetências à atividade de interpretação. No artigo “Competência em Interpretação: um breve estudo da interpretação em língua B”, Camargo (2014) trata justamente dessa possibilidade e, levanta uma reflexão inicial sobre essa aplicação das competências do PACTE para a atividade de interpretação.

Camargo (2014) apresenta uma breve exposição das subcompetências e sua tentativa de aplicação à interpretação no contexto de conferência. Mais especificamente para a interpretação da língua A para a Língua B<sup>2</sup>, línguas orais, sua contribuição é descritiva sobre a adequação do modelo ao processo de interpretação.

Nesse momento, observamos o contexto de conferência. Contudo, diferentemente de Camargo (2014), olhamos para a prática de interpretação de línguas de sinais. Conforme Rodrigues (2018c, p. 117), “embora as características intrínsecas à tradução e à interpretação de línguas orais sejam partilhadas pelos processos tradutórios e interpretativos que envolvem línguas de sinais, esses processos possuem suas especificidades”.

194

Assim, pretendemos, com uma abordagem descritiva, identificar as características dessa atuação, analisando se na atividade de interpretação de conferência para línguas de sinais se utilizariam as mesmas subcompetências descritas pelo PACTE. Pretendemos, de modo geral, responder a nossas reflexões observando intérpretes de língua de sinais atuando em conferências e em equipe.

### **3. Caminhos metodológicos**

A pesquisa seguiu os procedimentos metodológicos da abordagem qualitativa, tratando-se de um estudo exploratório-descritivo. Conforme Hoza (2010), a investigação qualitativa permite que o pesquisador possa identificar estratégias e explorar quadros teóricos, em consonância com os objetivos deste trabalho.

Para a realização do presente estudo foi escolhido o Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. O congresso reuniu pesquisadores e profissionais da área da Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa em Florianópolis (SC), nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2016. Participam da pesquisa 6 (seis) intérpretes que formaram a equipe Libras-Português do

evento<sup>3</sup>. A equipe foi formada a partir de alguns critérios, a saber: (a) experiência em atuação em contextos de conferência, devido à importância e complexidade do evento; (b) número igual de mulheres e homens; e (c) intérpretes de várias regiões do Brasil.

É importante destacar que o autor desse artigo ocupava também uma posição de coordenador do serviço de interpretação. Os seis intérpretes foram entrevistados e filmados durante a atuação, todos graduados com formação em nível superior, dois com mestrado já concluído e três mestrandos no período da pesquisa, e todos com mais de 12 anos de experiência em interpretação em Libras–Português. Durante o evento, as equipes foram se alternando, e as experiências foram se intercalando. Assim, consideramos a equipe com uma experiência moderada em contextos de conferência.

#### **4. Pensando o modelo do PACTE para uma competência interpretativa**

Em nossa análise, faremos uma descrição das subcompetências com nossa reflexão sobre a presença delas durante a realização do trabalho em equipe, além de observarmos a mobilização dessas subcompetências na atuação de conferência de uma equipe de intérpretes.

Inicialmente, ao observar a subcompetência bilíngue, é preciso compreender que apesar de todo tradutor ser bilíngue, nem todo bilíngue é um tradutor. Essa máxima é esclarecida por Hurtado Albir (2005, p. 19) ao dizer que “embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui a competência tradutória”. A subcompetência bilíngue está relacionada a conhecimentos operacionais necessários para que seja possível comunicar-se em duas línguas. O grupo PACTE fala da possibilidade de ensino de língua para tradutores, concomitantemente. Porém, ao observar essa subcompetência mobilizada na atividade de interpretação, é preciso diferenciar suas exigências de situações de tradução. Camargo (2014) afirma:

Diferentemente da tradução, em que é possível ensinar o aluno a traduzir ao mesmo tempo que se ensina a língua (cf. SCHÄFFNER, 2000), na interpretação, especialmente na de conferência, “o requisito básico é que a aquisição da língua deva preceder o treinamento em interpretação”. (CAMARGO, 2014, p. 25).

Para a interpretação de conferência, essa subcompetência precisa ser inicialmente adquirida. Conforme Camargo (2014, p. 25), “parece não haver possibilidade de um aprendizado de língua e de interpretação simultânea concomitantemente”, até mesmo pelas características desse processo, que se constitui de uma mensagem que será vista ou ouvida de

forma oral em uma determinada língua, processada e reproduzida em outra língua. No entanto, essa subcompetência faz parte de uma CT para o contexto de interpretação, fazendo-se extremamente necessário que o intérprete domine os conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos textuais e léxico-gramaticais das línguas em que trabalha, e com os intérpretes de língua de sinais isso não seria diferente. Um aspecto característico da interpretação de/para as línguas de sinais é a diferença de modalidade das línguas, a qual deve ser levada em consideração no momento da interpretação.

No evento investigado podemos identificar a subcompetência bilíngue na equipe de intérpretes a partir da sua experiência. Todos possuíam mais de doze anos de atuação, certificado proficiência, o ProLibras, e três intérpretes possuíam a Libras como língua materna, pois eram filhas de pais surdos (CODAS – *Children of Deaf Adults*). Desse modo, fica evidente que essa subcompetência bilíngue já exista, e considerando a atividade de interpretação em um evento em que a Libras é a língua oficial, percebemos a mobilização dessa subcompetência para a efetivação da atividade de interpretação.

Uma segunda subcompetência é denominada de instrumental, a qual está relacionada com a ação de usar as Tecnologias da Informação e Comunicação (doravante TICs) e fontes de documentação. São inúmeras as fontes e ferramentas disponíveis aos tradutores, entre as quais podemos citar: dicionários, enciclopédias, gramáticas, livros, textos paralelos, *corpora* eletrônicos, memórias de tradução, sites de busca, entre outros. Camargo (2014, p. 25) diz que “na interpretação de conferência, a subcompetência instrumental também se faz presente, no entanto, sua construção é anterior ao momento do evento”. Neste caso, os intérpretes realizam essa preparação antes de iniciar a atuação, organizando-se para o momento da interpretação.

Normalmente, os intérpretes armazenam essas informações na memória e dependem dela para realizar a interpretação. Camargo (2014) cita que alguns autores como Pym (2009) <sup>4</sup>sugerem que dentro da cabine o intérprete deve ter acesso à memória eletrônica. A autora ainda afirma que essa “memória eletrônica deverá apresentar uma configuração que permita o intérprete acessá-la, por questões lógicas de tempo e disponibilidade como, por exemplo, um glossário previamente organizado” (CAMARGO, 2014, p. 25).

Ao se tratar dos intérpretes de línguas de sinais, devido ao uso também do canal visual para a interpretação, talvez fosse mais complicado o uso de memórias eletrônicas, e desconhecemos experiências nesse sentido. No entanto, há recursos que podem facilitar o trabalho, medidas como ter em mãos os slides do palestrante ou até mesmo poder visualizá-lo



na projeção podem contribuir como um instrumento de apoio para a interpretação. Nesse sentido, a subcompetência instrumental, mesmo que ocorra de forma diferente do que inicialmente foi concebida em processos de tradução, também está presente em contextos de interpretação.

Falando um pouco mais sobre essa fase de preparação, entendemos que é nesse momento que ocorre a busca por materiais para estudo, relacionados ao contexto interpretativo. Os intérpretes podem recorrer a diferentes materiais e dispositivos de consulta na busca por informações, ou até mesmo contar com o auxílio de outros colegas. Trata-se de uma fase de pré-interpretação em que os profissionais envolvidos mobilizam recursos a serem utilizados durante o processo interpretativo. De acordo com Scallon (2015), mobilizar uma competência consiste na ação do indivíduo de apelar para todos os recursos de que dispõe, tanto os seus quanto aqueles que o cercam, para enfrentar um desafio ou resolver um problema, nesse caso os problemas de interpretação.

Para nós, esse momento está relacionado à mobilização da subcompetência instrumental, pois os intérpretes buscam recursos que podem contribuir no processo de interpretação, identificando possíveis problemas e já pensando em soluções para eles. Ao realizar esse processo, os intérpretes se apropriam dos assuntos que serão posteriormente interpretados. Além disso, será o momento de verificar como funcionará o trabalho entre a equipe, os equipamentos necessários e, também, perceber a localização ou até mesmo definir o traje utilizado pelos intérpretes.

Também nessa etapa os intérpretes podem fazer uso de fontes documentais que contribuem como instrumentos para conhecimento do conteúdo que será abordado na conferência, podendo também realizar conversas entre os participantes de determinada equipe. Russel (2011 p.01), a partir de seus estudos, diz que as experiências mais bem-sucedidas de interpretação ocorrem a partir de uma “diretriz compartilhada de ações”, e, segundo a autora, “atualmente existem inúmeras formas de isso acontecer, pessoalmente ou por vídeo-chamadas”, estratégias utilizadas para que a equipe se encontre antes da atuação com o desejo de se preparar para o trabalho.

No congresso que serve de referência para nossa análise foram realizadas reuniões *online*, utilizando-se o *software* de chamadas de vídeo *Skype*, em horário e dia previamente agendados. Outra forma utilizada para contato com os membros da equipe foi um grupo no aplicativo *WhatsApp*. O uso dessa ferramenta auxiliou na confirmação de recebimento dos e-

*mails*, em conversas rápidas e lembretes das reuniões. Essa ferramenta possibilitou um contato direto com toda a equipe de intérpretes para informes breves antes do evento e durante ele. Atualmente, esse é um recurso utilizado por muitas equipes de trabalho.

Para facilitar o acesso dos intérpretes aos materiais enviados pelos palestrantes, optamos por utilizar uma pasta compartilhada com toda a equipe no *Google Drive*, plataforma *on-line* disponível para compartilhamento de arquivos. Cada membro da equipe ficou responsável por estudar o material individualmente. Sobre a importância desse momento de preparação, Russel (2011, p. 3) compartilha uma determinada experiência:

Um dos desafios que eu vejo em equipes é que os intérpretes devem tomar a preparação como algo sério, e rever o material com antecedência, alguns optam por não fazer. E estas decisões impactam a equipe em sua dinâmica geral e na qualidade geral do trabalho [...]. Os mesmos clientes indicaram que poderiam também dizer quando os intérpretes não estavam bem preparados o que também influenciou suas percepções sobre o profissionalismo desses intérpretes individualmente.

Russel (2011) trata da importância dessa atuação e do quão proveitoso pode ser esse momento para os intérpretes, a ponto de os clientes do serviço de interpretação conseguirem identificar quais profissionais deram atenção ou não para essa etapa, em função do produto interpretativo que chega até eles.

No evento que serve de observação, além das reuniões *online* realizamos uma reunião presencial. Normalmente, nesse momento os intérpretes negociam sinais, palavras ou expressões que seriam mais adequadas para determinado contexto, ou esclarecem algo que porventura não tenha ficado claro para eles. Assim, começamos a identificar uma outra subcompetência, a estratégica.

O grupo PACTE destaca a importância da subcompetência estratégica e Hurtado Albir (2011, p. 396) afirma que essa é uma subcompetência essencial, que afeta todas as demais, pois ela inter-relaciona e controla o processo tradutório. A subcompetência estratégica serve para:

1) planejar o processo e elaborar o projeto tradutório (escolha do método mais adequado); 2) Avaliar o processo e os resultados parciais obtidos, em função do objetivo final perseguido; 3) ativar as diferentes subcompetências, e compensar deficiências; 4) identificar problemas de tradução e aplicar os procedimentos para sua resolução. (HURTADO ALBIR, 2011, p. 396).

Assim, a subcompetência estratégica ocupa uma função essencial por afetar todas as outras, ao reparar deficiências e controlar todo o processo, que pode variar conforme a direção,

a combinação linguística, a especialidade, a experiência do profissional, o tipo de tarefa e, especificamente, com as línguas de sinais as diferenças de modalidade. Sobre essas diferenças na interpretação intermodal, Rodrigues (2018c; p. 120) destaca três características: (i) a possibilidade da sobreposição de línguas durante o processo interpretativo (*codeblending*); (ii) a performance corporal-visual requerida do profissional na interpretação da língua oral para a de sinais; e (iii) a preponderância da atuação dos intérpretes na direcionalidade inversa, ou seja, na interpretação da língua oral (L1) para a de sinais (L2). Sobre essa última, o autor diz que:

a diferença na taxa de produção de palavras e sinais, a linearidade preponderante das línguas orais em oposição à simultaneidade característica das línguas de sinais, dentre outras diferenças intrínsecas à modalidade, impactam diretamente a direcionalidade da tradução ou da interpretação, principalmente, quando a interpretação é simultânea. (RODRIGUES, 2013, p. 96).

No mais, na interpretação, lidamos com o imediatismo e o imprevisto. Muitas vezes, é preciso lidar com problemas de interpretação que surgem na hora, como por exemplo, uma piada que precisa ser interpretada e que, para que faça sentido, precisa ser adaptada ao público e à cultura-alvo. Diante disso, Camargo (2014) considera que, em contexto de interpretação, teríamos a presença da subcompetência estratégica. A autora define que:

Poderíamos dizer que a subcompetência estratégica também ocupa um papel central na elaboração de uma interpretação, gerenciando e garantindo a eficácia do processo. Assim, ela teria uma atuação dupla, antes e durante o processo. (CAMARGO, 2014, p. 28).

Com tudo isso, é possível evidenciar que a subcompetência estratégica também está relacionada ao processo de interpretação tanto das línguas orais, como nas línguas de sinais. Com ações diferentes do processo de tradução, mas com a busca por estratégias mais rápidas para que se resolvam os problemas de interpretação que possam surgir. Essa subcompetência pode ser observada na fase de preparação da equipe, onde ela é mobilizada para a formatação e organização de seu trabalho. É necessário que, nesse momento, os intérpretes compartilhem como se sentem, com suas fragilidades e necessidades de apoio durante a interpretação.

Com relação à preparação da equipe que analisamos, os primeiros recursos disponíveis aos intérpretes foram os resumos expandidos enviados pelos comunicadores para a publicação nos anais do evento. A possibilidade de ter acesso a esse material foi fundamental para facilitar a organização e o estudo dos intérpretes, pois, muitas vezes, em contexto de conferência, ter

acesso ao material dos palestrantes não é algo simples. Nossa experiência mostra que muitos palestrantes não costumam preparar as apresentações com uma antecedência que favoreça seu envio aos intérpretes em tempo hábil. Contudo, esse não deve ser o único recurso de preparação da equipe; outros textos paralelos podem e devem ser consultados.

Outro material que colaborou significativamente, graças à exigência de publicação dos resumos expandidos dos comunicadores pelo evento, foram os resumos expandidos a que os intérpretes tiveram acesso antecipadamente. Magalhães Junior (2007, p. 74) aconselha sobre alguns materiais que podem ser utilizados para um estudo preliminar da interpretação. Ele diz:

Não desdenhe da importância ou complexidade de qualquer palestra. Busque todo o tipo de informação disponível sobre a conferência e o conferencista. Vasculhe a internet e outros arquivos atrás de reportagens anteriores, cópias de discursos sobre o tema, trechos em áudio ou vídeo de entrevistas ou apresentações passadas. Procure manter contato, pessoal, ou digital, com o apresentador ou com um de seus assessores.

200

Observamos que seria necessário também disponibilizar o material dos palestrantes para uso dos intérpretes durante a interpretação. Assim, conforme a escala de trabalho, produzimos o que chamamos de “cadernos de resumos”. Esses cadernos continham todos os materiais enviados pelos palestrantes até um dia antes do início do evento, em ordem cronológica, conforme a programação e escala dos intérpretes. O objetivo desses cadernos era disponibilizar cópias impressas do material que poderia servir de apoio para a interpretação e poderia ser utilizado pelos intérpretes dentro da cabine. Sobre o uso dos cadernos, alguns intérpretes comentaram nas entrevistas:

***Intérprete 03:*** *Aquele material impresso em apostila foi muito útil, porque mesmo que eu tivesse impresso e levado teria se tornado uma bagunça, não ia pensar em organizar como apostila, toda bonitinha. Fomos cercados de cuidado para garantir uma qualidade, porque não era só uma interpretação, mas que ela fosse de alto nível, muito boa para atender aquele público do evento. Funcionou muito.*

***Intérprete 04:*** *[...]o material que nós recebemos para ter o apoio na hora você nos deu muita segurança, porque havia uma liderança que preocupava com a equipe.<sup>5</sup>*

Além dos comentários dos intérpretes sobre a importância do material organizado e disponibilizado previamente pela coordenação do evento, foi possível durante a fase de observação averiguar que os intérpretes utilizavam frequentemente o material como consulta dentro da cabine. O uso do material ocorria geralmente quando havia alguma pausa, por exemplo, na troca entre o palestrante e o mestre de cerimônias, ou o intérprete de apoio também

acompanhava a interpretação e ia passando as páginas do caderno conforme a palestra estava acontecendo.

Assim, além de ter o texto com antecedência, os intérpretes puderam ter um material de referência dentro da cabine. Além disso, a coordenação da equipe de intérpretes entrou em contato com os conferencistas convidados, via *e-mail*, com a intenção de conseguir algum material de estudo prévio. A grande maioria dos palestrantes enviaram textos de referência e alguns ainda encaminharam vídeos-resumos de suas apresentações com alguns sinais que utilizariam, conforme sugerido pela coordenação no primeiro *e-mail* de contato. Todos esses materiais servem de ferramentas que acionam a subcompetência instrumental, onde os intérpretes devem fazer bom uso desses recursos para sua atuação.

Podemos também compreender o funcionamento de uma outra subcompetência denominada de conhecimento sobre tradução, ou, para nossa aplicação, conhecimento sobre interpretação. Torna-se essencial também para os intérpretes o conhecimento sobre os princípios que regem a interpretação e sobre todos os aspectos profissionais imbricados no ato interpretativo, além dos modos de interpretação, das demandas empregadas no processo de interpretação, nos tipos de interpretação e assim sucessivamente.

201

Por exemplo, existem alguns modos e formas de se interpretar. Hurtado Albir (2011, p. 71) apresenta uma agrupação de modalidades segundo o meio oral. Para a interpretação, a autora apresenta quatro modalidades: a interpretação simultânea, a interpretação consecutiva, a interpretação bilateral (ou enlace) e a sussurrada. Cremos que conhecer os modos de interpretação certamente contribui nas escolhas mais apropriadas para as diversas situações, o que garantirá condições mais adequadas para a realização do trabalho.

Se olharmos para a história da interpretação e especificamente para a interpretação de conferência, percebemos que prevalecia a interpretação feita de modo consecutivo no fim da Primeira Guerra Mundial. A modalidade consecutiva de interpretação acontece quando o intérprete ouve um trecho do discurso e, nesse tempo, tem a possibilidade de realizar alguma anotação. Após o término da produção na língua de partida, o intérprete assume o turno e realiza a produção na língua de chegada. No entanto, essa modalidade de interpretação pode resultar em conferências muito demoradas, uma vez que ela multiplica o tempo pelo número de línguas envolvidas.

O uso da interpretação simultânea foi se inserindo na prática cotidiana gradativamente das conferências, se tornando mais comum. As organizações optavam por esse modelo em suas

reuniões, pois, de fato, havia muitas vantagens no uso desse tipo de interpretação, como a economia de tempo durante as seções que deveriam ser interpretadas. O avanço tecnológico colaborou para que a interpretação simultânea se instalasse no mercado de trabalho. Bowen et al (2003) e Pagura (2003, 2010) fazem um resgate histórico dessas práticas de interpretação, que marcam a atividade da interpretação até os dias atuais.

Ainda em relação à interpretação simultânea realizada por intérpretes de línguas orais, Pagura (2003) nos apresenta a seguinte definição:

A modalidade simultânea é a mais amplamente utilizada hoje em dia, embora só tenha se firmado no pós-guerra, com as necessidades surgidas no Julgamento de Nuremberg, em que se utilizaram quatro idiomas (inglês, francês, russo e alemão) e, quase que imediatamente a seguir, com a criação da Organização das Nações Unidas, onde se utilizam seis idiomas oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, chinês e árabe). Nessa modalidade, os intérpretes – sempre em duplas – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido. Ao processar a mensagem, re-expressam na língua de chegada por meio de um microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis. Essa modalidade permite a tradução de uma mensagem em um número infinito de idiomas ao mesmo tempo, desde que o equipamento assim o permita (PAGURA, 2003, p. 211).

Essa modalidade de interpretação exige conhecimento geral, uma excelente proficiência na compreensão e na produção das línguas envolvidas e habilidades como a capacidade de coordenar o ouvir e o falar ao mesmo tempo. Russo (2010) nos fala sobre esse tipo de interpretação:

A Interpretação Simultânea é uma habilidade cognitiva complexa usada para servir de comunicação entre falantes de diferentes línguas e culturas. Ela implica na transposição oral de uma mensagem em um idioma de origem para uma língua-alvo, enquanto a mensagem está a ser entregue. Por isso, o intérprete tem que ouvir o orador e ao mesmo tempo produzir sua própria fala. (RUSSO, 2010, p. 333).

Diante das compreensões de Russo (2010) e Pagura (2003), é possível perceber algumas particularidades da interpretação simultânea. A primeira delas é que ultimamente é a modalidade mais utilizada; a segunda é que ela deve ser realizada em duplas ou como entendido por nós, em equipe; e a terceira é que entre os intérpretes de línguas orais, essa modalidade acontece dentro de uma cabine.

Ao contrário dos intérpretes de línguas orais, que sempre atuam com essa modalidade dentro da cabine de interpretação, é possível que com os intérpretes de língua de sinais, por

estarem trabalhando com línguas de modalidades diferentes (aqui o Português e a Libras), eles estejam no palco próximo ao orador, ou logo à frente do palestrante sentado na plateia, quando estão interpretando para a língua oral. No entanto, no congresso investigado essa forma de interpretação a partir de uma língua de sinais foi implementada pela primeira vez no Brasil.

Ou seja, os intérpretes que atuaram com Libras/Português trabalharam dentro da cabine de interpretação simultânea, recebiam o discurso do palestrante não pelo fone, como é de costume para os intérpretes de línguas orais, mas por meio de um televisor que gerava a imagem de uma câmera que capturava o discurso dos palestrantes em Libras.

Os intérpretes precisaram adquirir uma experiência de servir e atuar, recebendo apoio especificamente na cabine, e na fala da equipe, alguns fatores se destacam. Por estarem nesse espaço isolado, algumas estratégias que talvez não fossem possíveis fora dali foram usadas, e isso é dito na entrevista por um dos intérpretes.

***Intérprete 01:** O apoio funciona com mais liberdade na cabine, você pode se expressar melhor..., dentro da cabine eu posso mostrar o papel, tenho a oportunidade de dialogar com meu apoio, eu posso ter mais oportunidades de apoios diferentes do que estar em um auditório, que você fica meio contido.*

203

Nesse sentido, a cabine nos parece ter sido considerada como um local protegido para a equipe de intérpretes na sua atuação. Isso fez com que eles utilizassem estratégias diversas, compartilhando tudo restritamente com os colegas de cabine, a fim de contribuir com a interpretação.

Essa atuação em cabine e o trabalho em equipe nos levam a pensar no entrelaçamento da subcompetência estratégica, mas também da subcompetência conhecimentos sobre interpretação. Os intérpretes precisam saber como atuar em equipe, e conhecimentos teóricos e práticos são fundamentais para se apoiarem e atuarem de forma colaborativa. Além disso, experimentam também uma ampliação da subcompetência instrumental ao usarem os equipamentos tecnológicos da cabine.

Uma outra subcompetência é a extralinguística, composta dos conhecimentos gerais. Conforme Camargo (2014, p. 26), os conhecimentos extralinguísticos em interpretação foram inicialmente definidos por Seleskovitch e Lederer na Teoria dos Sentidos (*Théorie du Sens*). Lederer afirma que

[o] conhecimento prévio é uma expressão vazia que abrange diversos “complementos cognitivos” que nos ajudam a entender o discurso. Esses complementos cognitivos incluem conhecimento de mundo, do momento, do lugar, das circunstâncias nas quais

um discurso é formulado, da memória do que foi dito anteriormente, do conhecimento de quem é o locutor e de quem são os ouvintes (LEDERER 1990 p. 53 apud CAMARGO 2010, p. 27).

Como se observa acima, o conhecimento extralinguístico tem uma função muito importante tanto na tradução quanto na interpretação. São informações que estão relacionadas a um saber enciclopédico, do mundo em geral ou de situações específicas e domínio sobre fatos culturais das línguas de partida e de chegada.

Para ilustrar essa subcompetência, podemos pensar no conhecimento sobre os anseios da comunidade surda brasileira relacionados à educação, cidadania e políticas linguísticas, temas que aparecem frequentemente em discursos de pessoas surdas. É preciso saber quais são os temas frequentemente abordados, quais são as questões envolvidas e as demandas principais, o que certamente colabora no momento da interpretação. Portanto, o conhecimento extralinguístico é uma subcompetência fundamental que também se faz presente no processo de interpretação e na atuação de/para as línguas de sinais.

204

O congresso que investigamos ocorre com seções únicas, o que significa que não há programações paralelas simultaneamente. Basicamente, a programação conta com palestras de conferencistas convidados e comunicadores que tiveram seu trabalho aprovado pelo comitê científico. Essas falas são intercaladas para formar a programação. Os conferencistas têm em torno de uma hora na programação para fazer sua explanação e depois abrir para perguntas; os comunicadores têm o tempo de 30 minutos: vinte para apresentação e dez para as perguntas.

A divisão e a organização da escala buscou privilegiar o conhecimento e a familiaridade dos intérpretes com determinado palestrante ou região de onde são o intérprete e o palestrante. Desse modo, seguindo o que nos apresenta Napier et al (2006):

Em contextos de conferência, onde há uma série de apresentadores, dividir os discursos entre os intérpretes e, dessa forma, se aproveita o conhecimento pessoal do assunto e/ou familiaridade com o palestrante. (NAPIER et al 2006, p. 137).

Essa organização claramente visava à mobilidade da subcompetência extralinguística, buscando contribuir para que omissões ou outros prejuízos no contexto geral fossem evitados. Avaliamos que essa escolha foi acertada, pois assim os intérpretes se sentiram mais confiantes por já conhecerem os palestrantes ou por estarem mais familiarizados com determinado assunto.

Outro elemento presente no modelo PACTE são os componentes psicofisiológicos. Explicitando, Hurtado Albir (2011, p. 396) apresenta os componentes psicofisiológicos



enquanto “cognitivos, como a memória, percepção, atenção e emoção; elementos atitudinais de diversos tipos, como curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, saber medir suas possibilidades, motivação, entre outros”; além dos mecanismos psicomotores e habilidades como criatividade, raciocínio lógico, análises e síntese. Esses componentes são essenciais também em contextos de interpretação. Camargo (2014, p. 28), ao realizar sua análise da articulação desse componente à interpretação, diz que:

Na interpretação, os componentes fisiológicos são essenciais, pois os componentes cognitivos, como memória, percepção e emoção interagem durante todo o processo interpretativo. O intérprete deve desenvolver a memória para conseguir interpretar. Ainda, a percepção para elementos linguísticos, extralinguísticos e para os estímulos presentes no ambiente devem atuar a fim de auxiliar o intérprete na busca pela interpretação mais adequada. A capacidade de análise e síntese é primordial, especialmente em interpretação simultânea. Como o intérprete precisará fazer adições e omissões para facilitar o entendimento da plateia, a síntese será uma aliada para compensar partes maiores, nas quais obrigatoriamente houve uma adição.

Percebe-se a importância dos componentes psicofisiológicos e como eles podem atuar para contribuir com o trabalho dos intérpretes no momento da interpretação. Lidar com a memória, a percepção e a emoção se torna necessário para que se possa adequar o discurso ao público-alvo. Também a capacidade de avaliação de forma crítica, para que se utilize da omissão ou adição de informações como estratégias de fato para a interpretação.

205

Outro fator fundamental que afeta os intérpretes e está relacionado com os componentes psicofisiológicos é o nível de exposição que os intérpretes enfrentam, especificamente os intérpretes de línguas de sinais, que estão trabalhando com uma língua visual, e essa língua está presente com o uso do seu corpo. É importante que o intérprete não se sinta incomodado com isso, especialmente em contextos em que a interpretação é para um grande público, como nas interpretações de conferências. Acreditamos também que a atuação em equipe pode ser mais um elemento que integra os componentes psicofisiológicos, visto que se relaciona com as atitudes, o espírito crítico e o conhecimento dos próprios limites.

No evento em que analisamos, aconteceu uma situação onde foi preciso que uma das intérpretes assumisse o turno da interpretação, pois a intérprete previamente escalada se sentiu insegura para realizar o trabalho. A intérprete que assumiu a interpretação relatou na entrevista que precisou de mais apoio:

***Intérprete 01:*** Em minha opinião, o apoio percebeu que eu estava indo bem e deixava, por exemplo: nomes eu chamava muito, perdia muito, pois eu me concentrava muito na sinalização, aí senti um apoio muito bom. Principalmente nas duas palestras, nas duas comunicações e uma que não era para eu interpretar, mas foi preciso, eu precisei de muito apoio nesse momento.

Essa ocasião específica está relacionada com uma afirmação de Magalhães Junior (2007 p.65) em que ele diz que o “grande limitador de rendimento na tradução simultânea é emocional, não linguístico”. Nesse sentido, a intérprete que havia sido escalada tinha se preparado tecnicamente, estudou o material, conversou com as palestrantes antes do evento, porém não dispunha da calma e da tranquilidade necessárias para conduzir a interpretação, o que causou a alteração de quem assumiria como intérprete do turno. Assim, identificamos que os componentes psicofisiológicos também fazem parte da atividade de interpretação.

Diante disso tudo, conforme já havíamos indicado, todas essas subcompetências atuam de maneira integrada e interagem entre si para que possam formar a competência tradutória ou, nesse caso, uma competência interpretativa.

## 206 5. Considerações Finais

Conforme as questões apresentadas, percebemos a complexidade da interpretação, em que o intérprete ouve ou vê e deve falar ou sinalizar ao mesmo tempo, levando em conta aspectos como o conteúdo, a intenção do autor, o sentido, a prosódia de toda a mensagem que deve ser transmitida, tomando. Essas habilidades se fazem ainda mais necessárias quando o intérprete está longe do palestrante, em uma cabine de interpretação simultânea, o que impossibilita qualquer interrupção para esclarecimento.

Com esses apontamentos que fizemos, baseados em Camargo (2014), percebemos que as competências do intérprete de Libras se assemelham às competências de tradução apresentadas pelo PACTE. No entanto, merece destaque o fator tempo e a prontidão de retorno que são demandadas dos intérpretes. Esses aspectos afetam a configuração da CT, propondo-se dois momentos de construção de uma competência, que é chamada por Camargo (2014) e por nós de “competência interpretativa”. Os dois momentos referidos seriam o de preparação, anterior ao evento e o momento de interpretação de fato, durante o evento.

Talvez na mobilização da competência interpretativa se destaquem os recursos ligados à subcompetência estratégica, tanto quanto ocorre na tradução, para o gerenciamento e a eficácia do processo interpretativo. Essa subcompetência estratégica, por ter a função de

planejar o processo, elaborar e identificar problemas de interpretação para que se apliquem procedimentos para sua resolução, acaba também tendo um protagonismo na interpretação.

A busca por materiais está relacionada à subcompetência instrumental, que será ativada junto com a subcompetência extralinguística, referente ao histórico e ao conhecimento anterior que o intérprete possui, além dos conhecimentos teóricos e práticos que o intérprete deve ter sobre interpretação para que possa se localizar e realizar um trabalho como esperam que ele faça. Todas essas subcompetências nos parecem ser mobilizadas também na interpretação para línguas de sinais.

Diante disso, não menos importante são os componentes psicofisiológicos, pois, atuando em equipe, os intérpretes devem demonstrar espírito crítico e conhecimento do limite das próprias possibilidades. Sabendo disso, os intérpretes precisam estar conscientes de que o colega de equipe pode auxiliar em sua interpretação com apoios.

Com isso, importante salientar que não pretendemos aqui propor alguma modificação no modelo apresentado pelo PACTE, pois o que realizamos é uma breve análise olhando para um contexto de interpretação de conferência com intérpretes de língua de sinais, observando como essas subcompetências podem se relacionar. Também sabemos que outras características da interpretação simultânea que envolvem línguas de sinais são pontos que precisam ser pensados em uma modelagem que olhe para as competências dessa atuação.

Assim, espera-se que pesquisas de cunho empírico experimental sejam realizadas para que se observe melhor a atividade do intérprete, definindo de forma clara as competências necessárias para as atividades de interpretação nas mais diversas esferas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWEN, M. et al. Os intérpretes que fizeram história. In: DELISLE E WOODSWORTH. **Os Tradutores na história**. Tradução Sérgio Bath. 1 ed. São Paulo: Ática, 2003

CAMARGO, P. G. **Competência em interpretação – um breve estudo da interpretação em língua B**. *Tradterm* [s.l.], v. 23, p. 13-33, 15 out. 2014. Universidade de São Paulo, Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBiUSP.

HOZA, J. **Team Interpreting**. Alexandria: Rid Press, 2010.

HURTADO ALBIR, A. IN: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVEZ, F. **Cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-57.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**. 5ª edição. Madrid: Gredos, 2011.

LEITE, E. M. C. **O papel do intérprete de LIBRAS em uma sala de aula inclusiva**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MAGALHÃES JUNIOR, E. **Sua majestade o intérprete: O fascinante mundo da interpretação simultânea**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NOGUEIRA, T. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016.

PACTE (Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation). Building a Translation Competence Model. In: ALVES, F. (ed.). **Triangulating Translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 37-61

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. spe, p. 209-236, 2003.

PAGURA, R. **A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Pereira, M. C. P. **Testes de proficiência linguística em língua de sinais: as possibilidades para os intérpretes de LIBRAS**. 2008. Dissertação (mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013

RODRIGUES, C. H. Translation and Signed Language: highlighting the visual-gestural modality. **Cadernos de Tradução**, v. 38, p. 294-319, 2018a.

RODRIGUES, C. H. Competência em Tradução e Línguas de Sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 51, p. 287-318, 2018b.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll** (Online), v. 44, p. 111-129, 2018c.

RUSSO, M. Simultaneous interpreting. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, Luc (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 333-336.

SANTOS, S. A. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010.** 2013. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SCALLON, G. **Avaliação da aprendizagem numa abordagem por competências.**

Traduzido por: Juliana Vermelho Martins. Curitiba: PUCPress, 2015.

SELESKOVITCH. **Interpreting for international conferences.** Traduzido por: Stephanie Dailey e E. Norman McMillan. Washington, D.C.: Pen and Booth, Ed. 2001.

---

<sup>1</sup> Tiago Coimbra NOGUEIRA – Mestre em Estudos da Tradução (2016) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharel em Letras/Libras pela mesma instituição. É professor assistente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É tradutor e Intérprete de Libras-Português.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9405741881258053> E-mail: [Tiago.coimbra@ufrgs.br](mailto:Tiago.coimbra@ufrgs.br)

<sup>1</sup> Nossa tradução passou pela revisão do autor, que gentilmente fez contribuições importantes para a versão que se encontra nesse artigo.

<sup>2</sup> Conforme a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC), utilizam-se as seguintes definições: Língua A: A língua materna do intérprete (ou outra língua rigorosamente equivalente à língua materna), para a qual o intérprete pode interpretar a partir de todas as suas outras línguas em ambos os modos de interpretação, simultâneo e consecutivo. Todos os membros têm pelo menos uma língua A, mas podem ter mais do que uma. Língua B: Uma língua, além da materna, que o intérprete domina perfeitamente e para a qual interpreta a partir de uma ou mais das suas outras línguas. Alguns intérpretes só interpretam para uma língua B em um dos dois modos de interpretação.

<sup>3</sup> Esse artigo é um desdobramento da pesquisa de mestrado intitulada “Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), orientado por Profa. Dra. Audrei Gesser. Aprovado pelo comitê de ética, nº 112981/2014.

<sup>4</sup> PYM, A. On Omissions in Simultaneous Interpreting: Risk Analysis of a hidden effort. In: HANSEN, G.; CHESTERMAN, A. (Orgs. Efforts and Models in Interpreting and Translation Research: A tribute to Daniel Gile. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2009. p. 83-108.

<sup>5</sup> Os dados das entrevistas foram transcritos e conservam a forma original como foram enunciados pelos participantes da pesquisa.